

Capítulo 4

A saga da imprensa: a ética do real na série Harry Potter

Antônio Donizeti de Carvalho e Larissa Menezes

INTRODUÇÃO

Quando a figura do pequeno garoto de olhos verdes, cabelo preto e cicatriz em forma de raio na testa surgiu, em um livro voltado para o público infantil, ninguém poderia prever o impacto que ele teria na literatura e no cinema. Harry Potter, saga criada pela escritora britânica J. K. Rowling, teve os sete livros que a compõem traduzidos para 80 idiomas, e vendas que atingiram mais de 500 milhões de cópias em todo o mundo, tornando-se a série mais vendida da história¹.

A narrativa ficcional revela aos leitores um mundo mágico, que nem mesmo o menino Harry conhecia, e tem início com *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, lançado em 1997. O último livro da franquia, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, chegou às livrarias em 2007, dez anos depois do primeiro. Apesar de ser uma série fictícia, há na história do personagem diversos elementos de verossimilhança com o mundo real, e um deles é o jornalismo, representado por veículos de comunicação inspirados nos tabloides britânicos, famosos por noticiarem os escândalos no mundo das celebridades – sendo os mais conhecidos na atualidade: *The Sun*, *Daily Mirror* e *Daily Mail*². Na saga, os principais expoentes são o jornal bruxo Profeta Diário e a famosa jornalista Rita Skeeter. De acordo com a autora,

o Profeta não é uma fonte inteiramente imparcial de notícias, e às vezes exibe uma tendência infelizmente sensacionalista melhor sintetizada pela repórter estrelada Rita Skeeter. Ostensivamente uma fonte de notícias independente, que foi mais de uma vez influenciada

1 Disponível em: <https://poltronanerd.com.br/culturapop/harry-potter-bate-marca-de-500-milhoes-de-livros-vendidos-no-mundo-65335>. Acesso em: 4 nov. 2018.

2 Disponível em: <https://mapadelondres.org/jornais-da-inglaterra/>. Acesso em: 14 nov. 2018.

pelo Ministério (ou pelo poder governante) para abafar certas histórias (ROWLING, on-line³).

O Profeta Diário é mencionado em todos os livros da série, porém Rita Skeeter é apresentada somente no quarto livro. Sendo assim, serão abordados neste artigo os sete volumes que compõem a série: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

J. K. Rowling – com base em aspectos da televisão, do rádio, do jornal impresso e da revista – introduziu a imprensa na saga, transferindo aos personagens e às instituições diferentes níveis de importância ao longo do desenvolvimento da história. O discurso da mídia influencia diversas relações que se estabelecem no enredo e torna-se substancial para o desenvolvimento da sociedade bruxa.

Cabe avaliar, portanto, como as ações da jornalista Rita Skeeter, principal representante do jornal Profeta Diário, influenciam a trama, levando em consideração os preceitos da ética no jornalismo. Serão analisados três acontecimentos que envolvem o veículo e a jornalista. Os fragmentos podem ser encontrados nos capítulos 18, 19, 31, 35 e 36 do volume *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e foram selecionados por serem representativos da relação com o jornalismo de factoides e da conduta profissional do jornalista.

3 Disponível em: <https://www.pottermore.com/writing-by-jk-rowling/the-daily-prophet>. Acesso em: 11 out. 2018.

As duas primeiras análises serão fundamentadas na semiótica greimasiana, enquanto a terceira será desenvolvida por meio de uma discussão acerca da ética jornalística.

A HISTÓRIA

A história de Harry Potter se passa entre os anos 1991 e 1998, embora os livros tenham sido publicados entre 1997 e 2007. Cada livro equivale a um ano da vida do menino na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e, à medida que o garoto cresce e caminha para a maioridade, que no mundo dos bruxos é 17 anos, a narração também amadurece.

Entretanto, para que seja possível compreender a origem do conflito desenvolvido ao longo dos sete livros, é necessário retornar ao ano 1980, mais precisamente no final do mês de julho, quando o protagonista da série ainda não era nascido. A comunidade bruxa era aterrorizada por Lord Voldemort, considerado por muitos o bruxo das trevas mais poderoso de todos os tempos. Nesse ano, Voldemort recebeu uma profecia que acabou mudando os rumos da história:

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar... (ROWLING, 2003, p. 680).

Filho de Tiago e Lilian Potter, Harry nasceu em 31 de julho de 1980, ao final do sétimo mês, como dizia a profecia. Por isso, sob o entendimento de que Harry poderia se tornar um obstáculo em sua caminhada pelo poder, Voldemort decide assassinar o bebê para impedir que a profecia se cumprisse. É a partir desse fato que começam a ser escritos acontecimentos importantes que desencadeiam toda a história do “Menino que Sobreviveu”⁴.

Na noite em que Lord Voldemort se dirigiu até a residência dos Potter para matar Harry, descobriu que havia se enganado sobre parte do conteúdo da profecia. Ao matar Tiago e logo depois Lilian, que se sacrificou pelo filho, a maldição da morte lançada em direção ao garoto voltou-se contra o próprio bruxo. Voldemort reduziu-se a uma sombra vaporosa e deixou o bebê apenas com uma cicatriz em forma de raio na testa.

Como só ouviu a primeira parte da profecia, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado⁵ não sabia que, ao tentar assassinar Harry Potter, poderia transferir parte dos seus poderes ao garoto. O sacrifício de Lilian, que entregou a vida para salvar a do filho, colocou sobre o bebê uma forte proteção, pois segundo Alvo Dumbledore⁶ em *Pedra Filosofal*⁷: “ter sido amado tão profundamente, mesmo que a pessoa que nos amou já tenha morrido, nos confere uma proteção eterna” (ROWLING, 2000a, p. 255).

4 Expressão comumente utilizada na trama para se referir a Harry Potter.

5 Expressão comumente utilizada na trama para se referir a Lord Voldemort.

6 Diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

7 Desse momento em diante, serão utilizadas formas reduzidas dos títulos dos livros, contendo somente a segunda parte. Por exemplo, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* torna-se *Pedra Filosofal* (Nota da revisão).

Depois desse acontecimento, a comunidade bruxa não teve mais notícias de Voldemort, e Harry Potter foi levado para a casa de seus tios trouxas⁸, Válter e Petúnia Dursley, seus únicos parentes vivos. Como J. K. Rowling descreve, o Sr. e a Sra. Dursley “se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais” (ROWLING, 2000a, p. 7). Por causa disso, não compactuavam com nada que fosse estranho ou misterioso e nem disseram a Harry a real causa da morte de seus pais.

A história dá um salto e mostra Harry aos 11 anos, que continuava morando com os tios. Considerado um elemento estranho dentro de uma família “perfeita”, composta pelos tios e o filho, Duda Dursley, Harry sofria constantes ataques do primo, que tinha a mesma idade, mas era quatro vezes maior. O menino também herdava as roupas velhas de Duda.

A vida dele era tranquila, não fossem as perturbações causadas pelo primo, mas as coisas começaram a mudar quando Harry recebeu uma carta. Como os tios tinham uma breve ideia do que se tratava, tentaram dificultar o acesso do garoto ao seu conteúdo. Por isso, começaram a chegar inúmeras cartas iguais, mas Harry só conseguiu ler uma quando o meio gigante Rúbeo Hagrid⁹ lhe entregou pessoalmente. Foi ele também quem acabou por contar que o garoto era um bruxo e que seus pais não haviam morrido em um acidente de carro, como os tios diziam.

Na carta, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts informava o garoto da existência de uma vaga em seu nome no corpo discente da instituição, assim como dava informações sobre início do ano letivo e fornecia

8 Pessoas que não são bruxas, ou seja, incapazes de fazer magia.

9 Guarda-caça de Hogwarts e professor da escola na disciplina Trato das Criaturas Mágicas.

uma lista de materiais necessários para os estudos. Após visitar o Beco Diagonal¹⁰, Harry embarcou no Expresso de Hogwarts¹¹. Foi na escola que Harry conheceu seus melhores amigos, Rony Weasley e Hermione Granger, e que sua vida sofreu uma reviravolta.

Com o retorno de Harry Potter ao mundo bruxo, Voldemort pretendia retomar o poder, mas primeiro precisava reestabelecer sua forma humana para ser capaz de executar magia, uma vez que, na situação em que se encontrava, era necessário se apoderar de corpos de animais para sobreviver. Durante os dois primeiros anos da história, mostrados, respectivamente, em *Pedra Filosofal* e *Câmara Secreta*, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado buscou, em vão, maneiras de recuperar seu corpo.

Lord Voldemort só conseguiu o prodígio no quarto livro da série, *Cálice de Fogo*, quando realizou um ritual de magia das trevas. O bruxo armou uma emboscada para Harry e tirou seu sangue à força, um dos passos para completar o ritual. Assim, o vilão conseguiu seu corpo de volta. Esse fato é importante para compreender o desfecho da história, pois o sangue carregava o sacrifício da mãe do garoto e passa, então, a correr nas veias do bruxo das trevas.

Ao retornar à sua forma humana, Voldemort se manteve na clandestinidade, apoiado pelo medo e incertezas que rondavam seu nome, mas sem deixar de articular maneiras para conquistar seu poder de

10 Área de compras pertencente ao mundo bruxo e localizada em Londres, Inglaterra. Seu acesso se dá por meio de um *pub* chamado Caldeirão Furado.

11 É o nome do trem que realiza a viagem entre a Estação de King's Cross, em Londres, e a Estação de Hogsmeade, onde os alunos da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts conseguem ter acesso à instituição.

volta. Porém as autoridades se negavam a aceitar o retorno do Lorde das Trevas, mesmo quando coisas terríveis começaram a acontecer.

No quinto livro, a Ordem da Fênix¹² se reuniu novamente para tentar retardar os planos de Voldemort e seus seguidores, assim como na última guerra bruxa. Enquanto isso, Harry passou a ser mencionado na mídia – que estava alinhada com o governo – como mentiroso e sedento de atenção, alguém que objetivava estar nas primeiras páginas do jornal.

A profecia, que foi a causa da primeira queda de Lorde Voldemort e retardou sua ascensão ao poder, se tornou novamente o alvo do bruxo, que desejava saber o conteúdo completo antes de continuar com seu principal plano, matar Harry Potter. No entanto, a profecia foi destruída em um combate entre os Comensais da Morte¹³ e os membros da Ordem da Fênix, dentro do Ministério da Magia. Assim, Voldemort se revelou para a comunidade bruxa.

Na busca por soluções para derrotar definitivamente o bruxo das trevas, Harry Potter tomou conhecimento das “Horcruxes”, objetos nos quais Voldemort guardou fragmentos de sua alma, para se tornar imortal. Ou seja, ele só morreria quando todos esses objetos fossem destruídos, eliminando, assim, os fragmentos de alma do vilão contido em cada um.

Para compreender os últimos acontecimentos da série, é necessário voltar para a noite em que Voldemort tentou matar Harry. Ao lançar o

12 Nome de uma sociedade secreta fundada por Alvo Dumbledore para se opor e lutar contra Lord Voldemort.

13 Bruxos das trevas seguidores de Lord Voldemort.

“Avada Kedavra”¹⁴ no garoto e receber o ricochete do feitiço, uma parte da alma de Voldemort se alojou em Harry, tornando-o, acidentalmente, uma sétima “Horcrux”. Todavia, para destruir a última parte do vilão e derrotá-lo, o Menino Que Sobreviveu precisava se sacrificar. Ao se dirigir para a Floresta Proibida, Harry se entregou, e a parte de alma alojada no corpo do garoto foi morta pelo próprio vilão. Harry continuou vivo, e no pátio do castelo de Hogwarts ocorreu o duelo final, no qual Voldemort foi finalmente derrotado.

O PROFETA DIÁRIO E RITA SKEETER

O Profeta Diário é o principal veículo de comunicação da saga Harry Potter. O jornal impresso, cuja sede fica localizada no Beco Diagonal, é entregue diariamente por corujas a quase todos os lares bruxos do país. O pagamento é realizado colocando moedas em uma bolsa de papel amarrada à perna da coruja. Quando acontece algo particularmente interessante, uma edição do Profeta Noturno é veiculada.

O Profeta Diário exhibe, às vezes, uma tendência sensacionalista melhor sintetizada pela repórter Rita Skeeter. Apesar de se afirmar como fonte de notícias independente, foi influenciado mais de uma vez pelo Ministério da Magia para abafar certas histórias. Sua motivação primordial, de acordo com J. K. Rowling, “pode ser encontrada em seu nome, ‘profeta’, sendo um homônimo de ‘lucro’¹⁵ (embora eu também tenha

14 Conhecido também como a Maldição da Morte, faz parte das Maldições Imperdoáveis, juntamente com a Maldição Cruciatu e a Maldição Imperius. A pessoa atingida por esse feitiço tem morte instantânea e indolor.

15 Na língua inglesa, “prophet” tem semelhança sonora com a palavra “profit”, que é o termo empregado para lucro.

sido tomada pela ideia de um jornal bruxo alegando o conhecimento prévio das notícias que virão” (ROWLING, on-line¹⁶).

A jornalista Rita Skeeter nasceu em 1951, e J. K. Rowling a descreveu da seguinte maneira: “Dobrando a verdade, perfurando o que ela considerava ser ‘reputação inflada’ com sua pena venenosa, transformando-se em um besouro para escutar conversas com sua habilidade como um animago” (ROWLING, on-line¹⁷).

A saga não fornece informações que indiquem se Rita nasceu em uma família de sangue puro ou mestiça. Ela era um “animago”, ou seja, uma bruxa capaz de tomar a forma de um animal, no seu caso um besouro verde. No entanto, era um “animago” ilegal, pois não se registrou no Ministério da Magia, conforme ditava o regulamento. Ela utilizava esse recurso secreto para espionar a vida das pessoas e, além disso, contava com a ajuda de uma pena que tinha a função de registrar tudo o que lhe diziam.

A primeira aparição de Rita Skeeter na série acontece somente no quarto livro, em virtude do “Torneio Tribuxo”¹⁸. O diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore, permitiu que o Profeta Diário entrevistasse os quatro campeões, e a encarregada de realizar a entrevista foi Skeeter. Ela publicou várias notícias bastante grosseiras durante a cobertura do Torneio.

16 Os parágrafos anteriores são tradução livre, a partir do original retirado do site: <https://www.pottermore.com/writing-by-jk-rowling/the-daily-prophet>.

17 Disponível em: <https://www.pottermore.com/explore-the-story/rita-skeeter>. Acesso em: 11 out. 2018.

18 Campeonato entre as três maiores escolas de Magia da Europa: Academia de Magia Beauxbatons, Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e Instituto Durmstrang. Cada escola é representada por um campeão, que concorre à Taça Tribuxo ao final da realização de três tarefas.

De maneira sensacionalista, ela utilizou a desculpa de entrevistar os quatro campeões para falar diretamente com Harry Potter em um armário de vassouras. E escreveu, distorcendo o que tinha sido dito, afirmando que ele era um menino traumatizado, que chorava durante noites pela falta de seus pais e que teria uma relação romântica com Hermione Granger. Muitos amigos de garoto, inclusive Molly Weasley, mãe de Rony, acreditaram na matéria.

Outra vítima de Skeeter foi Rúbeo Hagrid. Rita fez uma série de perguntas sobre Harry para o guarda-caça e, quando ele se recusou a responder, a repórter publicou matérias ofendendo-o e difamando-o, dizendo que era um selvagem e que usava seu tamanho para intimidar os estudantes. Hermione também foi um alvo, quando a jornalista escreveu uma matéria relatando que ela estaria confusa em relação a seus sentimentos por Harry e Vitor Krum, um jogador de “quadribol”.

Meses depois, a repórter publicou uma matéria em que desacreditava Harry Potter. Por causa dessa reportagem, Cornélio Fudge, Ministro da Magia, não acreditou em Harry quando o garoto contou que havia testemunhado a volta de Lord Voldemort ao final do “Torneio Tribruxo”. O fato também ajudou o Ministério a iniciar uma campanha de difamação contra Harry e Dumbledore, no quinto livro da saga.

Hermione descobriu que Rita era um “animago” não registrado e, quando a repórter assumiu a forma de um besouro para obter informações sobre o trio (Harry, Rony e Hermione), prendeu-a em um pote de vidro. Hermione ameaçou-a, dizendo que se não parasse de escrever reportagens mentirosas por um ano, seria delatada para o Ministério da Magia.

Além do Profeta Diário, Rita escreveu para a revista O Pasquim, de Xenofílio Lovegood. Em *Ordem da Fênix*, Hermione entrou em contato com Rita e ameaçou-a para que fizesse uma entrevista com Harry Potter sobre a volta de Voldemort para a revista. Harry deu informações sobre a forma física assumida pelo bruxo das trevas e revelou o nome de seus comensais da morte.

Em *Enigma do Príncipe*, Rita participou do funeral de Dumbledore e no mesmo ano escreveu um livro difamatório e cruel sobre a vida do diretor intitulado “A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore”, considerado um *best-seller* internacional. Por mais que o livro tenha retratado o ex-diretor de forma pejorativa, havia muitas verdades nele. Harry supõe, no entanto, que Rita tenha conseguido algumas informações de maneira antiética e ilegal. Grande parte delas foi dada pela historiadora Batilda Bagshot, em quem Skeeter utilizou “Veritaserum”¹⁹ para obter informações sobre a infância de Dumbledore e sobre sua relação com a irmã Ariana, que foi descrita de forma exagerada.

OS ELEMENTOS DE VEROSSIMILHANÇA

Autores de ficção incorporam elementos da realidade à sua escrita – por exemplo, objetos, lugares, personagens e épocas históricas, leis, entre outros – que facilitam a criação de um elo entre o emissor e o receptor e permitem a imersão total no enredo apresentado. J.K. Rowling consegue, com maestria, introduzir uma série de aspectos, como a estrutura governamental, profissional e o esporte bruxo, que possuem muitas semelhanças com a realidade.

19 Poção da verdade. Quem a toma não consegue mentir e nem omitir fatos.

Sendo assim, torna-se compreensível, porque a ficção se estrutura na realidade. Conforme Nascimento e Santos (2012), “a ficção é aquela narrativa irreal imaginada a partir das percepções pessoais da realidade, pois apenas ao apreender a realidade que se pode buscar outros mundos que fujam do contexto social que cerca cada indivíduo” (NASCIMENTO; SANTOS, 2012, p. 232).

Ao revelar em *Cálice de Fogo* que Rita Skeeter se transformava em um besouro para se infiltrar em Hogwarts e obter informações de maneira ilícita, J. K. Rowling acabou dando um novo significado para a ação de grampo telefônico. A atividade ilegal da jornalista é bastante parecida aos escândalos de hackeamento de telefone que abalaram o *News of the World* entre os anos de 2005 e 2011, o jornal dominical mais vendido da Grã-Bretanha. O tabloide britânico precisou fechar suas portas, em 2011, após acusações de que seus funcionários estariam envolvidos em interceptação ilegal de telefones. A justiça condenou à prisão o correspondente Clive Goodman e o investigador Glenn Mulcaire por grampo ilegal em telefones de membros da família real. Milhares de pessoas, entre elas atores, políticos, jogadores de futebol e apresentadores de TV também tiveram seus telefones hackeados²⁰.

Já no livro seguinte, *Ordem da Fênix*, o Profeta Diário tentava evitar os relatos do retorno de Voldemort para desacreditar Harry e Dumbledore. Quando questionada, Rita Skeeter confirmou o posicionamento do jornal, dizendo que o Ministro da Magia, Cornélio Fudge, se recusava a aceitar a volta do bruxo das trevas. Ela disse ainda: “O Profeta existe para vender exemplares, sua tolinha” (ROWLING, 2003, p. 462). A autora da saga justificou o discurso da repórter, afirmando que “nas

²⁰ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110707_entenda_news_of_the_world_mm. Acesso em: 14 nov. 2018.

publicações bruxas, a integridade dificilmente vai contra as margens de lucro, assim como para os jornalistas trouxas” (ROWLING, on-line²¹).

Para os bruxos que liam o Profeta Diário e também para o Ministro da Magia, a segunda ascensão de Voldemort ao poder não aconteceu, e o jornal se impôs como uma fonte de notícias tão legítima que as pessoas começaram a duvidar do caráter de Harry, até mesmo seus próprios amigos.

No mundo real, a mídia também manipulou as informações as quais o público acessava durante a Guerra do Golfo. Entre janeiro e março de 1991, o jornal britânico *The Guardian* publicou três reportagens de Jean Baudrillard²², que juntas foram nomeadas “A Guerra do Golfo não se realizou”. Esse conflito armado teve início em agosto de 1990, envolvendo forças da Coalizão internacional, lideradas pelos Estados Unidos, depois que as tropas iraquianas atacaram o Kuwait²³. O estudioso argumentou que a propaganda da mídia impedia que o público soubesse o que estava acontecendo e que a guerra tinha sido mais um massacre das tropas iraquianas do que batalhas entre exércitos.

Quando a Segunda Guerra Bruxa teve início, em *Relíquias da Morte*, as comunicações se tornaram clandestinas, principalmente o programa de rádio Observatório Potter, criado para espalhar notícias sobre a luta contra Voldemort, uma vez que o Profeta Diário estava sendo controlado por Comensais da Morte. A rádio era administrada por Lino

21 Disponível em: <https://www.pottermore.com/features/journalism-in-the-wizarding-world>. Acesso em: 11 de out. 2018.

22 Sociólogo e filósofo francês que viveu entre os anos 1929 e 2007.

23 Disponível em: https://www.suapesquisa.com/historia/guerra_do_golfo.htm. Acesso em: 14 nov. 2018.

Jordan²⁴ e todos os bruxos que participavam dos programas recebiam um codinome. Para sintonizar era exigida uma senha, que mudava toda semana.

As táticas narradas por Rowling, no sétimo e último livro da saga, estão bem próximas da rede de rádios utilizada pela Resistência Francesa quando a França teve seu território ocupado, durante a Segunda Guerra Mundial. As radiocomunicações foram fundamentais para disseminar informações e, assim como nesse evento histórico, os operadores do Observatório Potter eram bastante inexperientes e corriam riscos frequentes de serem descobertos e capturados²⁵. Diante disso, Rowling concluiu:

Magia pode mudar os métodos do jornalismo, mas não pode alterar a natureza, ou remover o desejo público de saber exatamente o que está acontecendo – mesmo que nunca tenhamos uma visão completa. É estranhamente reconfortante saber que temos muito em comum, não acha? (ROWLING, on-line²⁶).

A declaração de J. K. Rowling reafirma sua intenção de utilizar em sua narrativa elementos que se assemelham em todos os sentidos possíveis ao jornalismo real.

24 Estudante da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e melhor amigo dos irmãos gêmeos de Rony Weasley, Fred e Jorge Weasley.

25 Os parágrafos anteriores são tradução livre, a partir do original retirado do site: <https://www.pottermore.com/features/journalism-in-the-wizarding-world>.

26 Disponível em: <https://www.pottermore.com/features/journalism-in-the-wizarding-world>. Acesso em: 11 de out. 2018.

Ao tentar tomar conhecimento sobre um fato, é necessário apreender racional e sensivelmente em qual posição social encontra-se o indivíduo. O objeto é coberto de conhecimento devido à percepção e cognição que lhe são inseridas socialmente em virtude do processo de desenvolvimento do ato de conhecer, como defende Muniz Sodré, “um jogo entre o homem e o mundo” (SODRÉ, 2012, p. 9). O autor ainda complementa que

Esse “pôr-se em jogo” (em latim, *in-ludo*, donde, *illusio*) é o mesmo que “ilusão”. Atribui-se à palavra *mito* a mediação realizada pelo homem da Antiguidade: as ilusões míticas, os véus que cobriam as verdades comuns, mais *revelavam* do que explicavam o real. Assim, regido, o homem antigo *narrava* os acontecimentos essenciais à conexão das coisas que, em sua totalidade, constituíam o *cosmos* ou o *mundo* enquanto forma primordial de sua existência. São indissociáveis do mito os acontecimentos relatados pelo primeiro “historiador” do Ocidente, o grego Heródoto (SODRÉ, 2012, p. 9).

No entanto, a *ideologia*, compreendida como uma composição racional das significações, toma o lugar do mito. Com o passar dos anos, a palavra teve diferentes significados e usos, em algumas ocasiões foi expressa como produção de falsa consciência, em outras como visão de mundo, e essa última acabou aumentando seu sentido semântico. Desse modo, a palavra ocupa posições diversas nos discursos, sejam eles individuais ou coletivos. É usada como instrumento de poder, em que ideias e pensamentos podem ser distorcidos da realidade para que o argumento utilizado seja favorecido. Em resumo, “ideologia significa aqui a luta discursiva que se trava para decidir quem domina” (SODRÉ, 2012, p. 10).

Ao levar em consideração a forma de manifestação social do conteúdo (processos, enunciados, significações, imagens etc.), em relação à produção de sentido, a ideologia pode ser considerada uma força de interação social, podendo adquirir valor cognitivo, desde que fique claro o significado do termo nesse ponto.

Ao ser inserida na história, como meio de comunicação da burguesia – classe social capitalista cujos membros são proprietários do capital e que possui como objetivo final o lucro²⁷ –, a imprensa revela-se ideológica em mais de um sentido. Na modernidade, os meios de comunicação burgueses seguem enraizados às mesmas exigências históricas que regem o fenômeno da construção do mundo por meio de um discurso elucidado. Com isso, o livre mercado leva a classe burguesa a fazer exigências a si mesma, objetivando produzir uma racionalidade universal para o ato da fala, em que, de acordo com Sodré, “a legitimidade do enunciado proviesse da própria razão discursiva e não do lugar privilegiado do falante. Desde então, a imprensa ocidental alimenta-se, em seus melhores momentos, de uma *ideologia da transparência pública*” (SODRÉ, 2012, p. 11).

Assim, é possível citar o conceito europeu de esfera pública, em que a ideologia e a intelectualidade burguesa se materializavam em instituições como cafés, clubes, jornais e revistas, e formavam um discurso político crítico e democrático. Dessa maneira, o jornalismo se encaixa apenas como uma das atividades do interior dessa esfera. Houve períodos na Europa em que o jornal diário era mais reservado e só mais tarde adotou um espírito liberal.

27 BURGUESIA. **Significados**, 2018. Disponível em: <https://www.significados.com.br/burguesia>. Acesso em: 14 nov. 2018.

É perceptível, nessa mudança, que a imprensa tinha a intenção de esclarecer o público, ao revelar o que se ocultava nos esconderijos do poder, por exemplo, os “segredos de Estado”, para tentar convencê-lo sobre uma ideia ou causa como geradora de modernização e progresso. Com a transição do Estado absolutista para o Estado de direito, a imprensa – como porta-voz dos direitos civis que dão início à modernidade da cidadania – passou a abordar a novidade ideológica da liberdade de expressão, sem abandonar algumas velhas crenças mitológicas, como a construção de uma narrativa voltada para si mesma, colocando-se como instituição que administra a verdade dos fatos sociais e também a verdade na narração da realidade.

A narrativa da imprensa mantém o compromisso histórico com a ética do liberalismo. Desde o início do regime republicano, é função da mídia assegurar ao cidadão a representação de sua palavra e seus pensamentos, com a garantia de que possa se expressar e se manifestar publicamente. A partir desse dever, que se torna virtude primordial do jornalismo, se propaga o pacto entre os meios de comunicação e o público receptor. O jornalista deve noticiar uma verdade, desde que o enunciado pertença a um fato selecionado de acordo com seu grau de importância.

Originada do conceito das liberdades civis estabelecidas pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, essa virtude advém da definição e do empenho de liberais como Benjamin Constant. Ele dizia que, entre todas as liberdades, a de imprensa não poderia ser suspensa, pois condicionaria as outras. Desse modo, a imprensa livre conseguiu ser reconhecida como obra do espírito objetivo moderno, e, assim, como ressalta Sodré,

Constituir um pano de fundo ético-político que tornaria escandaloso para a consciência liberal, em qualquer parte do mundo, o fenômeno do jornalismo sensacionalista, ou tornaria condenável pela consciência moral do jornalista pelo falseamento ou encobrimento da verdade factual (SODRÉ, 2012, p. 13).

Depois que a fase inicial foi ultrapassada e o foco da imprensa foi definido, surgiu um novo interesse, o empresarial, que dificilmente conseguia fugir das manipulações e da corrupção política. Outro foco que a imprensa ganhou se relacionava com os fatos relativos à realidade sociopolítica do público, envoltos na defesa dos direitos dos cidadãos, locais ou mundiais. O jornalismo fica preso a essa contradição, pois, se por um lado precisa ser transparente com o público, por outro seu mito – fundamentado no resgate da verdade sem interferência da necessidade de lucros – o cerca de opacidade, uma vez que a lucratividade se tornou primordial para a profissão.

Ao longo do século XX, o discurso de objetividade, isenção e empenho ético foi trocado pelo silêncio e adesões aos atos de guerra e massacres cometidos por sucessivos governos em várias partes do mundo. De acordo com Sodré, “a submissão do jornalismo americano ao espírito da ‘Era Bush’ acabou com as velhas ilusões liberais sobre a independência da imprensa” (SODRÉ, 2012, p. 13).

Dessa maneira, o mito do liberalismo acompanha a ideologia do poder. Existem, portanto, diversas técnicas que encobrem o jogo de poder que constitui o jornalismo, que consistem em homogeneizar discursos sociais e em edição dos fatos, assim como acontecia nos primórdios da prática do jornalismo na Europa e com o nascimento da imprensa moderna. Os pontos de vista ou perspectivas podem variar de um lugar para o outro, embora a forma apresentada seja a mesma. Sendo assim,

a imprensa sela um compromisso com o tratamento dos fatos, sempre se amoldando ao avanço tecnológico.

O discurso é o produto básico do mercado simbólico da comunicação, e onde existe discurso haverá disputa em torno da produção de sentido, ou seja, da ideologia. Outro destaque envolve as diferentes estratégias que cada veículo de comunicação produz para que sua identidade editorial permaneça em suas publicações. Essa identidade é construída com base na relação entre o jornal e seu público e possibilita que cada um relate acontecimentos cotidianos de acordo com sua ideologia, pontos de vista, doutrinas e preferências políticas.

O jornalismo, por sua vez, mobiliza tipos de discursos diferentes, mas se apoia na notícia pela sua centralidade conceitual moderna. Esse modo de captação e comunicação do fato se revelou como uma das estratégias da ideologia mercadológica para o esquecimento dos processos de discurso e imaginação que rodeiam a construção do acontecimento. A questão aqui não são as manipulações ou mentiras, mas sim as interpretações que podem utilizar recursos da ficção literária com o objetivo de criar uma melhor compreensão de sentidos. Mesmo apostando em um discurso neutro, a notícia não desconsidera, muitas vezes, o apelo à carga emocional contida nos estereótipos vindos das ficções e resíduos míticos.

Os avanços tecnológicos possibilitaram o aparecimento de mídias híbridas, e, em uma perspectiva de produção de notícias em grande escala para obtenção de lucros, o jornalismo deixou de ser uma categoria exclusiva nos meios de comunicação, ou seja, deixou de se pautar pela imparcialidade e objetividade no relato dos fatos. Assim, o texto de jornal passou a representar um tipo de intervenção na língua, utilizando-se

dos recursos da clareza e da concisão, permeado pela estrutura ideológica do sistema, no qual se reafirma a transparência da realidade em virtude da evidência noticiosa dos acontecimentos. Para Sodré,

É, porém, uma presunção que esconde as refrações, as distorções e a mística do que se pretende erigir como espelho do real. De fato, embora a ideologia que preside à elaboração corporativa do discurso informativo pretenda cingir-se tão só às diretrizes do pragmatismo e da lógica mercantil, descartando a imaginação, não-visto e o que esteja aquém do fato, a parte excessiva do acontecimento o atrai, de um modo ou de outro, mas predominantemente por meio da narrativa, para algumas das águas turvas de onde surge o brilho da ficção (SODRÉ, 2012, p. 16).

É possível compreender, então, que o jornalismo e a literatura caminharam lado a lado, entrelaçam-se e depois se afastam. Isso acontece, principalmente, depois que a imprensa ganha uma característica industrial, a partir da metade do século XIX. No início da era moderna, o jornalismo e a literatura se relacionavam somente pelo ato da escrita, mas, conforme o texto jornalístico evoluía da notícia para a reportagem, surgiu a necessidade de aperfeiçoar as técnicas de tratamento da mensagem.

A partir disso, os jornalistas se inspiraram na arte literária, segundo Edvaldo Pereira Lima, “para encontrar os seus próprios caminhos de narrar o real” (LIMA, 2009, p. 174). E, em contrapartida, não é difícil perceber por que muitos escritores acharam no jornalismo, nessa época pioneira, “tanto um eventual meio de subsistência quanto um canal para o aprimoramento e a promoção do talento literário” (LIMA, 2009, p. 174).

Na realidade, jornalismo e literatura se confundem até os primeiros anos do século XX. Muitos jornais abriram espaço para a arte literária, na produção dos folhetins e publicação de suplementos literários. Os instrumentos de expressão distribuídos pela imprensa industrial iniciante e pela literatura se confundiam, contudo, foi a dificuldade de criar algo novo e diferente que fez com que esses campos caminhassem juntos por longos anos.

Desse modo, essa convergência fazia com que o jornalismo se sustentasse na boemia literária. Foi somente na virada de 1900, com as obras urbanísticas de Pereira Passos, no Rio de Janeiro, capital da federação à época, que a separação entre os dois começou a acontecer. Lima, por sua vez, utiliza as palavras de Nelson Werneck Sodré para explicar a transição:

O que fizera desaparecer a boemia, entretanto, não fora a obra de Pereira Passos, mas a generalização de relações capitalistas com as quais ela era incompatível; é essa mesma causa que começa a exigir alterações na imprensa. Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colonismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e os mundanos. Ao homem de letra, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos elaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias (SODRÉ, 1997²⁸, p. 339 apud LIMA, 2009, p. 177).

28 SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

O jornalismo absorve elementos do fazer literário, transformando-os e dando aproveitamento direcionado para a prática da profissão. Já a literatura, além de manter o seu interesse na escrita, se apoia na representação do real e utiliza a verossimilhança para compor sua narrativa. Num primeiro momento, o jornalismo se sustenta na literatura; num segundo, é esta que encontra naquele uma maneira de reciclar sua prática. Portanto, não mais somente a escrita é colocada em jogo, mas a ficção que se fundamenta naquilo que é real.

A partir desse ponto, é possível apresentar os fundamentos da verossimilhança na ficção. Para isso, Antônio Cândido (2007) utiliza-se do argumento de que, na leitura de um romance, o que fica para o leitor é a impressão de uma série de fatos e, em primeiro lugar, a lembrança das personagens.

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2007, p. 55).

De fato, existem afinidades e diferenças fundamentais entre o ser vivo e as personagens da ficção. As diferenças, nesse caso, são tão importantes quanto as afinidades para produzir o sentimento de verdade, ou seja, a verossimilhança.

Por fim, é possível compreender que as relações que constituem o jornalismo devem ser pautadas pela ética, que, segundo Francisco José Karam (1997), somente pode ser construída, em bases reais,

se levarmos em conta a necessidade de que, na particularidade do jornalismo, o que se desdobra é a própria complexidade crescente da humanidade, que carrega consigo não apenas atos, fatos, versões e opiniões, mas igualmente os valores embutidos na carga moral em que se configuram diariamente (KARAM, 1997, p. 42).

No mundo, o tempo é dividido em períodos: anos, meses, dias, horas, minutos, segundos e assim por diante. Contudo, nenhum dia é igual ao outro e os acontecimentos diários importantes, que envolvem pessoas, ao mesmo tempo, leitoras e fontes de notícias, é que interessam ao público. Desse modo, a quantidade de fatos, considerando também suas consequências imediatas, demanda uma interferência rápida e global. Essas informações, entregues de forma periódica, permitem que quem não vivenciou conheça o que aconteceu de forma simultânea e gradativa. Essa apropriação, de certo modo globalizada, também está relacionada ao compromisso ético do jornalista, uma vez que possibilita que pessoas participem do mundo e o influenciem a partir do conhecimento ofertado.

Ao qualificar o jornalismo como mediador do mundo, Karam (1997) argumenta que existe uma necessidade de refletir sobre a estruturação diária da informação e “sua consecução no gesto técnico competente, no ato político consciente, na proposição que entende a realidade como algo que deve ser percebido em sua abrangência e complexidade” (KARAM, 1997, p. 43), para que os indivíduos possam participar da vida em sua dimensão pública. Assim, para entender a extensão

ética da atividade jornalística, é necessário questionar seu conceito e seu propósito. Para obter essas respostas, não basta apenas avaliar a prática da profissão, deve-se considerar os preceitos morais e éticos que a respaldam.

Quando o jornalismo se envolve na esfera moral em que está inserido, é normal o surgimento de uma série de dúvidas, perguntas, perplexidades ou certezas prematuramente definidas. Karam (1997) estabeleceu algumas:

como fazer respeitar a privacidade do cidadão, quando ele está no mundo, e seus atos, em muitos casos, possuem tal relevância que as demais pessoas precisam ter conhecimento deles? Como respeitar a privacidade da pessoa pública, que, na suavidade da noite, vai tecendo uma negociata na qual o Estado perde dinheiro e, por consequência, o cidadão se vê prejudicado em serviços de saúde, educação, transportes? Como defender um jornalista que, em busca da fama, prestígio e poder envolve, na informação, a vida privada de uma personalidade pública para obter dividendos pessoais e alega, para isso, que o fato possui relevância social? (KARAM, 1997, p. 44).

As respostas para essas perguntas exigem profundos debates e reflexões, todavia, Karam (1997) evidencia uma única solução para o impasse: somente a práxis jornalística, colocada no contexto geral dos desdobramentos sociais da humanidade, é capaz de fazer com que o jornalismo seja engrandecido e tenha alguma potencialidade revolucionária diante do “andar natural e espontâneo do mundo” (KARAM, 1997, p. 47).

A SEMIÓTICA GREIMASIANA

A semiótica greimasiana estuda a significação, definida no conceito de texto. Desse modo, o texto pode ser explicado como uma relação entre plano de expressão e plano de conteúdo. Antonio Vicente Pietroforte (2010) estabelece uma relação entre os dois termos:

O plano de expressão refere-se ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano de conteúdo refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético (PIETROFORTE, 2010, p. 11).

Sistemas verbais são o que Pietroforte (2010) chama de línguas naturais, e os não-verbais são, por exemplo, as artes plásticas e a música. Assim, os sincréticos são capazes de unir várias linguagens de manifestação, como acontece na junção do sistema verbal com o não-verbal, como nas histórias em quadrinhos e nas canções. Isso significa que um mesmo conteúdo pode se expressar por diferentes planos de expressão, sejam eles de ordem verbal, não-verbal e/ou sincrética.

Portanto, o sentido de um texto está em seu plano de conteúdo e, ao ser definido nesse plano, ele pode ser ilustrado em uma teoria semiótica, cujo objetivo é a descrição dos processos que o formam, ou seja, a significação. Por sua vez, a semiótica proposta por A. J. Greimas contempla o sentido como algo que se engendra no decorrer de um percurso gerativo.

PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

No processo de geração de sentido, a semiótica estabelece um nível fundamental que permite ir no sentido da formalização de sua camada mais geral e abstrata. Além disso, define o sentido como uma rede de relações, ou seja, os elementos do conteúdo só adquirem sentido por meio das relações que se estabelecem entre eles.

A narrativa, por sua vez, quando encontra um tema comum entre dois objetos cênicos, promove sua primeira abstração cujo nível é definido por uma categoria semântica localizada dentro do nível fundamental, indicada por termos contrários, por exemplo, “vida vs. morte”. Dessa maneira, a rede fundamental é formalizada no modelo do quadrado semiótico.

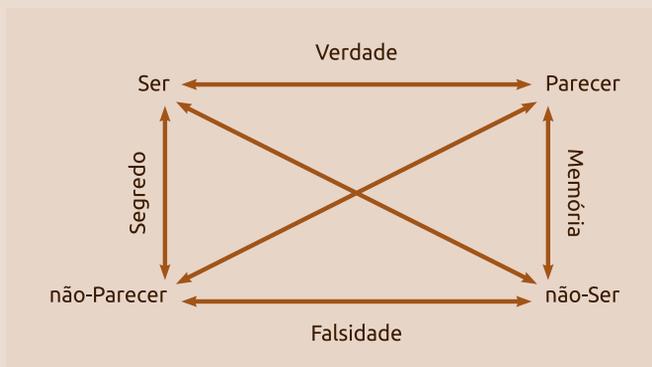


Figura 1 – Quadrado semiótico.

Fonte: Elaborada pelos autores.

As setas do quadrado marcam os possíveis percursos, e os termos que apresentam dupla negação são caracterizados como “contrários” e os

que apresentam apenas uma negação são contraditórios. No exemplo, quando “vida e morte” se opõem, surge um terceiro termo que não é nenhum dos dois. Na oposição entre “vida” e “não-vida”, não existe possibilidade de um terceiro termo. Em paralelo às relações de contrariedade e contraditoriedade, acontecem as relações de implicação entre “vida” e “não-morte” e “morte” e “não-vida”, uma vez que afirmar a “vida” implica em negar a “morte” e vice-versa. Dessa maneira, Pietroforte (2010) conclui que

por meio de operações de afirmação e de negação, o quadrado semiótico sistematiza uma rede fundamental de relações de contradição, contrariedade e implicação. Além dessas três relações entre os termos simples, há no quadrado semiótico um termo complexo, gerado pela simultaneidade dos termos simples afirmados, e um termo neutro, gerado pela simultaneidade de suas negações (PIETROFORTE, 2010, p. 14).

Assim, a categoria semântica pode mudar, contudo, as relações sintáticas do quadrado permanecem iguais. Além do exemplo apresentado, a semiótica pode definir outras, como “natureza vs. cultura”, “opressão vs. liberdade”, “identidade vs. alteridade” etc. Desse modo, os conteúdos apresentados no texto são capazes de determinar qual categoria está sendo abordada que, de modo geral, pode ser representada como “s1 vs. s2”.

Paralela a essa dimensão inteligível, a semiótica investiga como o ser vivo se relaciona com ela sensivelmente, imprimindo qualidades positivas a um dos termos e negativas ao outro. A sensibilização positiva é chamada “euforia”, e a negativa, “disforia”. Sendo termos contrários, têm-se “euforia vs. disforia”, que constituem a categoria

fórica e, ao lado da categoria semântica “s1 vs. s2”, estruturam o nível fundamental. Quando projetada sobre a categoria semântica, a categoria fórica estabelece a orientação do percurso entre os termos do quadrado semiótico.

NÍVEL NARRATIVO

Em uma narrativa, as transformações de estado, ou seja, as ações executadas pelo sujeito em busca de um objeto de valor, são cruciais para que ela se desenvolva. Dessa maneira, a formalização dessas transformações, em um modelo teórico, integra o nível narrativo do percurso gerativo de sentido. Para a semiótica, a narratividade de um texto é caracterizada pelas relações de junção que o sujeito assume com seu objeto de valor. Na conjunção, o sujeito está junto de seu objeto e, na disjunção, está separado dele.

O estado de conjunção, portanto, é representado por (Suj. \cap Obj.); o de disjunção, por (Suj. \cup Obj.); e o fazer transformador, por \rightarrow . Sendo assim, a narrativa mínima tem o esquema: (Suj. \cup Obj.) \rightarrow (Suj. \cap Obj.), podendo partir no sentido contrário, em que a conjunção se transforma em uma disjunção. São, portanto, definidos dois tipos de enunciados elementares: “enunciados de estado, que podem ser de conjunção ou de disjunção, e enunciados de fazer, que dizem respeito às ações que promovem transformações nos enunciados de estado” (PIETROFORTE, 2010, p. 16).

Já em uma narrativa mais complexa, existe, pelo menos, um programa principal cercado de subordinados, que recebem os nomes, respectivamente, de programa narrativo de base e programas narrativos de

uso. Chama-se de *performance* a execução do programa de base e, para realizá-lo, o sujeito narrativo deve adquirir a competência necessária. Os programas de uso, que conferem essa competência, por sua vez, são formalizados pela semiótica “como representantes de um saber ou um poder, ou seja, um saber-fazer e um poder-fazer, relativos à *performance*” (PIETROFORTE, 2010, p. 16). A relação entre competência e *performance* explica o que a semiótica nomeia percurso narrativo da ação. Existem mais dois percursos narrativos: o da manipulação e o da sanção.

Para que um sujeito inicie um percurso de ação, ele precisa ser manipulado para isso. O manipulador é chamado de destinador e o manipulado, destinatário da manipulação. Assim, a semiótica se utiliza de quatro tipos de manipulação, como demonstra Pietroforte (2010):

Quando o destinador manipulador usa seu poder sobre o manipulado, pode oferecer a ele um objeto de valor positivo ou negativo. Quando o objeto é positivo, ele procura manipular por meio do querer do destinatário, como é o caso dos prêmios e das recompensas. A semiótica chama esse processo de tentação. [...] Contrariamente, quando o objeto é negativo, o destinador manipulador procura incitar o dever do destinatário, como é o caso dos castigos. Esse processo é chamado intimidação. [...] Quando o destinador manipulador usa de um saber sobre o destinatário, ele sabe fazer uma imagem positiva ou negativa dele, já que, com uma imagem positiva, ele se vê com vontade de confirmá-la. Esse processo é chamado sedução. [...] Contrariamente, na imagem negativa, o destinatário vê-se obrigado a negá-la, assumindo, portanto, um dever. Esse processo é chamado provocação (PIETROFORTE, 2010, p. 17).

Para agir, não basta apenas adquirir poder e saber durante a ação, o sujeito narrativo precisa também assumir o querer ou dever. As palavras

querer, dever, saber e poder são denominadas pela semiótica como objetos modais e sem elas não há realização da *performance*. Após sua realização, a *performance* é sancionada ou não por um destinador julgador. No julgamento, “ele avalia de acordo com o ser e o parecer do que foi realizado pelo destinatário da sanção” (PIETROFORTE, 2010, p. 17). Quando “é” e “parece”, existe uma verdade, e quando “não é” e “não parece”, a falsidade. Quando “parece”, mas “não é”, existe uma mentira, e quando “é”, mas “não parece”, o segredo. Dessa maneira, o percurso da sanção utiliza a articulação “ser vs. parecer”.

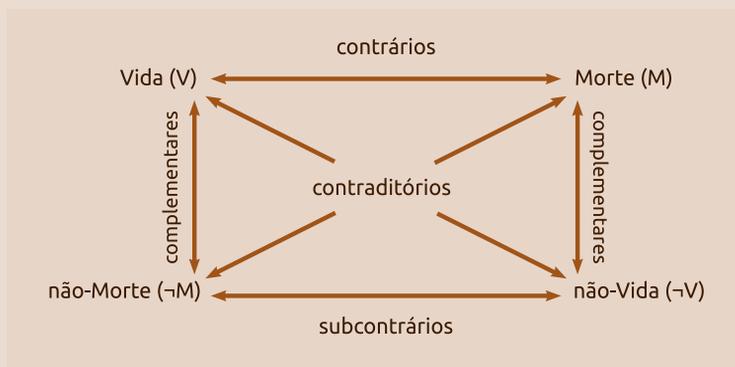


Figura 2 – Percurso da Sanção.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os percursos de ação, manipulação e sanção compõem o sistema narrativo. Por conseguinte, os níveis fundamental e narrativo marcam a instância semionarrativa da geração de sentido. A última análise, portanto, acontece respaldada no nível discursivo, responsável pela concretização dessa instância geral e abstrata em um enunciado particular.

O discurso, em geral, realiza-se na forma de um enunciado, que, por sua vez, é elaborado por uma enunciação. A enunciação, entretanto, é considerada uma instância pressuposta, uma vez que é o enunciado que se apresenta como produto do semiótico²⁹. Assim, a enunciação é tida como a instância de produção do discurso. Para que essa produção seja efetivada, enunciator e enunciatário são definidos e a relação entre os dois produz a enunciação.

Os três recortes de análise foram retirados, respectivamente, dos capítulos 18 (A pesagem das varinhas), 19 (O Rabo-Córneo húngaro) e 31 (A terceira tarefa) de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Cada um deles resgata um aspecto do jornalismo. No primeiro, tem-se uma entrevista realizada por Rita Skeeter com Harry. No segundo, o parecer do leitor é colocado em prática: em uma conversa com Harry, seu padrinho, Sirius Black, faz um comentário a respeito de uma reportagem publicada pelo Profeta Diário, escrita pela repórter. Já no terceiro recorte, tem-se por base uma reportagem de Skeeter sobre o Menino que Sobreviveu.

É importante ressaltar que essa análise permeia o percurso gerativo de sentido de Greimas, apresentado por Pietroforte (2010). O intuito é revelar como as ações da jornalista Rita Skeeter influenciam nos acontecimentos da trama, ao apresentar o desfecho de todos os fatos narrados nas cenas de recorte, confirmando a sanção, que é o último elemento do nível narrativo de Greimas.

Para melhor compreender esse percurso, é preciso contextualizar o enredo apresentado no quarto livro da série. Em *Cálice de Fogo*, o bruxo está com 14 anos. Em uma noite de verão, Harry teve um sonho muito

29 Especialista em semiótica.

real com Lord Voldemort, em que o vilão conversava com seus súditos e planejava sua retomada de poder. Ainda durante as férias, o garoto foi para a casa da família Weasley³⁰ para assistir à final da Copa Mundial de “Quadribol”. Ao final do jogo, seguidores do Lorde das Trevas, conhecidos como Comensais da Morte, apareceram no acampamento em que os torcedores estavam alojados e um deles conjurou a Marca Negra³¹ no céu pela primeira vez em 13 anos.

Quando o ano letivo começou na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, os alunos foram informados sobre o “Torneio Tribruxo” – competição entre as três maiores escolas europeias de bruxaria: Hogwarts, Beauxbatons e Durmstrang –, que possui três tarefas para testar coragem, conhecimento em magia e poder de dedução. Sempre são escolhidos campeões com idade acima de 17 anos, um de cada escola, para participar.

Os estudantes precisam colocar seus nomes no Cálice de Fogo, objeto responsável por sortear os participantes. Nesse ano, foram escolhidos Cedrico Diggory para representar Hogwarts; Fleur Delacour para Beauxbatons e Vitor Krum para Durmstrang. Porém, de maneira inexplicável, Harry Potter foi escolhido como o quarto campeão, mesmo sem ter colocado seu nome no Cálice. Após uma longa discussão sobre o destino de Harry na disputa, uma vez que ele não possuía idade

30 A família Weasley é composta por Arthur e Molly Weasley e seus filhos Gui, Carlinhos, Percy, Fred, Jorge, Gina e Rony, que é melhor amigo de Harry Potter na trama.

31 Na primeira ascensão de Lord Voldemort, o bruxo das trevas marcou os seus seguidores com algo parecido com uma tatuagem, cujo desenho se assemelha a uma caveira envolta por uma cobra. Ao tocá-la, o bruxo convocava os Comensais da Morte independentemente do lugar em que estivessem. Esse símbolo também era projetado no céu pelos seguidores em locais onde tinham atacado.

necessária para participar, os professores e organizadores do evento decidiram manter o garoto no torneio.

Harry, então, passou a lidar com a notícia de que teria que enfrentar os desafios, questionando quem poderia ter colocado seu nome dentro do Cálice. Além disso, seu melhor amigo, Rony Weasley, acreditou que Harry colocou seu nome no Cálice e se afastou dele. Somente depois da primeira tarefa, em que Harry enfrentou um dragão, que Rony voltou a acreditar no amigo.

Ao longo da trama, ainda aparecem outros mistérios. Como o novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas³², Alastor Moody, conhecido também como “Olho Tonto”, um “ex-auror”³³ que tentou dar suporte a Harry durante o torneio. Seu padrinho foragido de Azkaban³⁴, Sirius Black – preso injustamente ao ser traído por um dos seus melhores amigos, Pedro Pettigrew, o Rabicho –, também se fez presente, através de troca cartas e conselhos.

É nesse livro que Rita Skeeter foi apresentada para os leitores. Como principal repórter do jornal Profeta Diário, a jornalista era a encarregada de realizar a cobertura do “Torneio Tribuxo”, mas foi expulsa de Hogwarts após a primeira tarefa por sua conduta antiética. Em sua primeira aparição, Skeeter foi descrita por Rowling da seguinte maneira:

32 Disciplina comumente lecionada nas escolas de bruxaria da Europa.

33 Especializado em investigar crimes relacionados às Artes das Trevas e capturar bruxos das trevas.

34 Prisão dos bruxos, que tem como guardas os “dementadores”, terríveis criaturas que se alimentam da felicidade humana e, em casos específicos, podem até sugar a alma de uma pessoa.

Os cabelos da repórter estavam arrumados em cachos caprichosos e curiosamente rígidos que contrastavam estranhamente com seu rosto de queixo volumoso. Ela usava óculos com aros de pedrinhas. Os dedos grossos que seguravam uma bolsa de couro de crocodilo terminavam em unhas de cinco centímetros de comprimento, pintadas de escarlate (ROWLING, 2001, p. 243).

Harry foi bem sucedido nas duas primeiras tarefas, mas durante a terceira – que consistia em enfrentar uma série de desafios dentro de um enorme labirinto até alcançar a “Taça Tribuxo” – os rumos do mundo bruxo mudaram. Quando Harry e Cedrico Diggory agarraram a taça e, por meio dela, foram parar em um sombrio cemitério, eles perceberam que a taça era uma Chave de Portal³⁵. Nesse momento, eles se depararam com Rabicho, que carregava em seus braços uma pequena criatura e lançou sobre Cedrico a Maldição da Morte.

A criatura nos braços de Rabicho era Voldemort na forma assumida após os acontecimentos que deram origem à cicatriz de Harry. Em um ritual de magia das trevas, Lord Voldemort voltou a seu antigo corpo, utilizando sangue do garoto como ingrediente. Depois disso, os rivais duelaram entre si, e o garoto conseguiu escapar com a ajuda dos fantasmas de seus pais, Lilian e Tiago Potter, e também de Cedrico e Berta Jorkins³⁶. Ao retornar para as terras de Hogwarts, Harry descobriu que Alastor Moody estava sendo feito refém por Bartolomeu Crouch

35 Objeto enfeitado para transportar um bruxo de um lugar para o outro.

36 Funcionária do Ministério da Magia no Departamento de Jogos e Esportes Mágicos, que, em uma viagem para a Albânia, foi capturada por Rabicho e forçada a fornecer informações cruciais para Voldemort que auxiliaram o bruxo a arquitetar seu plano de retomada ao poder.

Júnior, Comensal da Morte, que assumiu o seu lugar com o auxílio da Poção Polissuco³⁷.

Crouch Júnior acabou por confessar seus crimes para o professor Dumbledore e foi condenado a receber o beijo do “dementador”. Assim, apenas os testemunhos de Alvo Dumbledore e de Harry Potter, que presenciou o retorno do Lord Voldemort, poderiam confirmar a volta do bruxo das trevas. No entanto, o Ministro da Magia, Cornélio Fudge, não acreditou nas palavras dos bruxos e abafou o caso. Somente no livro seguinte, *Ordem da Fênix*, quando o ministro encontrou Voldemort pessoalmente, que se convenceu do retorno.

ANÁLISE 1: CAPÍTULO DEZOITO – A PESAGEM DAS VARINHAS

Após ser escolhido como um dos campeões do “Torneio Tribruxo”, Harry ganhou fama entre os colegas, tanto positiva quanto negativa. Alguns outros amigos acreditaram que o garoto havia colocado o nome no Cálice de Fogo e, por isso, pararam de falar com ele. Pensaram que havia feito isso com objetivo de ganhar mais fama na escola. Confuso pelo fato de seu nome ter ido parar no Cálice, ele escreveu para seu padrinho, que respondeu dizendo que precisavam conversar pessoalmente.

Dias depois, Rita Skeeter, em sua primeira aparição, pediu para entrevistar Harry e o levou para dentro de um apertado armário de vassouras. No armário, ela usou uma pena de repetição rápida – objeto que transfere as falas e pensamentos da repórter para o pergaminho e, no caso

37 Poção que permite a quem beber assumir a forma física de outra pessoa.

do entrevistado, distorce suas falas. É possível perceber essa distorção na entrevista. Diante disso, tem-se o primeiro recorte a ser analisado:

– Beleza – disse Rita Skeeter, mais uma vez, e rasgou a parte escrita do pergaminho, amassou-a e meteu-a na bolsa. Inclinou-se então para Harry e disse:

“Então, Harry... o que fez você decidir entrar no Torneio Tribruxo?”

– Hum... – disse Harry outra vez, mas foi distraído pela pena. Embora não estivesse falando, ela continuava a correr pelo pergaminho e seguindo-a o garoto pôde ler uma nova frase:

Uma feia cicatriz, lembrança de um passado trágico, desfigura o rosto, de outra forma encantador, de Harry Potter, cujos olhos...

– Não dê atenção à pena, Harry – disse Rita Skeeter com firmeza. Relutante, Harry ergueu os olhos para ela. – Agora, por que decidiu entrar para o torneio, Harry?

– Eu não entrei – disse Harry. – Não sei como foi que o meu nome foi parar no Cálice de Fogo. Eu não o pus lá.

A repórter ergueu a sobrancelha fortemente delineada.

– Ora, Harry, não precisa ter medo de entrar numa fria. Todos sabemos que você não deveria ter se inscrito. Mas não se preocupe com isso. Os nossos leitores adoram rebeldias.

– Mas eu não me inscrevi – repetiu Harry. – Não sei quem...

– Como é que você se sente com relação às tarefas que o aguardam? – perguntou Rita Skeeter. – Excitado? Nervoso?

– Ainda não pensei realmente... é, nervoso, suponho – disse Harry. Ao falar suas entranhas reviraram desconfortavelmente.

– Houve campeões que morreram no passado, não é? – disse Rita com eficiência. – Você chegou a pensar nisso?

– Bom, dizem que vai ser muito mais seguro este ano.

A pena correu veloz pelo pergaminho entre os dois, para a frente e para trás, como se estivesse patinando.

– Naturalmente, você já viu a morte cara a cara antes, não é? – perguntou ela, observando-o atentamente. – Como você diria que isso o afetou?

– Hum – disse Harry uma terceira vez.

– Você acha que o trauma do passado o deixou desejoso de se pôr à prova? De fazer jus ao seu nome? Você acha que talvez tenha se sentido tentado a se inscrever no Torneio Tribruxo porque...

– *Eu não me inscrevi* – disse Harry, começando a se sentir irritado.

– Você tem alguma lembrança dos seus pais? – perguntou Rita Skeeter, abafando a resposta do garoto.

– Não.

– Como você acha que eles se sentiriam se soubessem que você ia competir no Torneio Tribruxo? Orgulhosos? Preocupados? Zangados? Harry estava se sentindo realmente aborrecido agora. Como é que ele ia saber o que seus pais estariam sentindo se fossem vivos? Percebeu que a jornalista o observava muito atentamente. De cara amarrada, ele evitou seu olhar e baixou os olhos para as palavras que a pena acabara de escrever.

As lágrimas marejaram aqueles olhos espantosamente verdes quando a nossa conversa se voltou para os pais de quem ele mal se lembra.

– Eu NÃO estou com lágrimas nos olhos! – disse Harry em voz alta.

Antes que Rita pudesse dizer uma palavra, a porta do armário de vassouras se escancarou. Harry olhou à volta, piscando para a clareza. Alvo Dumbledore estava parado ali, contemplando os dois apertados no armário (ROWLING, 2001, p. 244-245).

Dias depois da entrevista no armário de vassouras, o Profeta Diário publicou a reportagem de Rita Skeeter, que trouxe consequências negativas para o garoto:

Entrementes, a vida se tornou ainda pior para Harry dentro dos limites do castelo, pois Rita Skeeter publicara seu artigo sobre o Torneio Tribruxo, que afinal não fora tanto uma notícia sobre o torneio, mas

uma versão da vida de Harry extremamente pitoresca. Quase toda a primeira página fora ocupada por uma foto de Harry; o artigo (que continuava nas páginas dois, seis e sete) só falava no garoto, os nomes dos campeões da Beauxbatons e Durmstrang (errados) tinham sido espremidos na última linha do artigo, e Cedrico sequer fora mencionado.

O artigo saíra havia dez dias e Harry ainda era assaltado por uma ardência de náusea e vergonha no estômago todas as vezes que pensava nele. Rita Skeeter pusera em sua boca uma porção de coisas que ele sequer lembrava ter dito na vida, muito menos no armário de vassouras.

"Acho que herdo a minha força dos meus pais, sei que eles teriam muito orgulho de mim se me vissem agora... é, às vezes à noite eu ainda choro a perda deles, não tenho vergonha de admitir... sei que nada me acontecerá de mal durante o torneio, porque eles estarão me protegendo..." (ROWLING, 2001, p. 251-252).

[...] Os dias que faltavam para a primeira tarefa pareciam passar como se alguém tivesse ajustado os relógios para trabalharem em velocidade dobrada. A sensação de pânico mal controlado que Harry tinha acompanhava-o para onde fosse, sempre presente como os comentários depreciativos sobre o artigo do *Profeta Diário* (ROWLING, 2001, p. 254).

Durante a entrevista, Rita Skeeter buscava retirar informações que nem mesmo Harry possuía entendimento para responder. Além disso, após publicação da reportagem, Rita conversava somente com o público. Partindo do pressuposto de que o jornal tinha como interesse principal a venda de exemplares, a repórter utilizou algumas técnicas que excluíram a ética jornalística para aumentar o desejo do público pela história.

Na perspectiva da análise semiótica do percurso gerativo de sentido, tem-se no nível fundamental um tema comum, ou seja, a primeira abstração, delimitado na entrevista e em seu desfecho: a antiética. Em um

nível mais abstrato, pode-se afirmar que essa narrativa é orientada por meio de uma categoria semântica mínima “antiética vs. ética”.

Na rede fundamental, a relação entre os termos contrários “ética vs. antiética” é responsável pela orientação de seu sentido mais geral e abstrato. Ao acreditar que Rita fosse uma jornalista séria que iria escrever exatamente o que ele estava dizendo na entrevista, Harry Potter afirma o termo “ética”. Ao entrevistá-lo e transformar as informações em mentiras com o objetivo de atrair leitores para o jornal, Rita Skeeter afirma o termo “antiética”. Dessa maneira, a narrativa realiza o percurso “ética → não ética → antiética”. Na entrevista e em sua repercussão, o termo “antiética” é euforizado enquanto o termo “ética” é disforizado.

Rita Skeeter inicia a entrevista sem seu objeto de valor, atrair o público de uma maneira sensacionalista com intuito de vender jornais. Para transformar esse estado de carência, ela busca esse objeto em Harry. Assim, no decorrer da entrevista, a repórter abandona sua ética jornalística e termina a ação com uma postura antiética, tentando alcançar, desse modo, fama, prestígio, posição e leitores para o Profeta Diário.

No nível narrativo de ação, o enunciado de estado propõe que Rita queira tornar pública a história de Harry Potter tanto na entrevista, quando pergunta ao garoto sobre como seus pais se sentiriam se estivessem vivos, quanto depois dela, quando publica a reportagem em que diz que o menino ainda chora pela falta dos pais. Já o enunciado de fazer confirma a distorção dos fatos por parte da jornalista. Dessa maneira, inicialmente, Rita Skeeter está em disjunção com seu objeto de valor “vender jornais”. Depois, por meio de um fazer, figurativizado por sua ação na entrevista, ela entra em conjunção com seu objeto. Após a

entrevista, continua em conjunção, pois tira suas próprias conclusões a respeito de Harry e as publica.

Rita Skeeter, ao distorcer os fatos, consegue realizar sua *performance*. A repórter está em conjunção com o saber, ou seja, ela sabe como articular uma entrevista e também como escrever uma reportagem com o objetivo de ganhar o público. Além disso, também está em conjunção com o poder, uma vez que possui os instrumentos necessários para publicar a reportagem, como o veículo de comunicação Profeta Diário. Ao contrário, Harry não consegue realizar nenhuma *performance*, pois encontra-se em disjunção com o saber – já que não possui o conhecimento necessário para escrever uma reportagem em sua defesa – e com o poder, pois não dispõe dos mesmos meios para tornar sua defesa pública.

Considerando a afirmação de Pietroforte (2010), para que um sujeito comece o percurso da ação, ele precisa ser manipulado para isso. Rita Skeeter é manipulada pelo desejo de se destacar em sua profissão e de fazer com que o jornal aumente seu número de leitores e venda mais. Harry é manipulado pelo poder que a jornalista exerce sobre ele quando se encontra em uma posição hierárquica mais baixa. Deve-se levar em consideração o fato de o garoto ter apenas 14 anos, e Rita já ser uma mulher adulta e jornalista prestigiada. O vínculo da repórter com o jornal Profeta Diário, veículo respeitado pela comunidade bruxa, também a deixa em uma posição de superioridade.

Estão aqui presentes três tipos de manipulação que podem ser encontrados no nível narrativo de manipulação. A tentação está compreendida na relação entre Rita Skeeter e seu público. O objeto de valor, nesse caso, é a “informação”. Ao oferecer ao público informações sobre

a vida de Harry Potter, naturalmente, a jornalista provoca nos leitores um desejo de comprar o Profeta Diário para ter acesso à informação.

A intimidação, por sua vez, se dá na relação entre Rita e Harry. Ao levar o entrevistado para dentro de um armário de vassouras, a jornalista tira o garoto de sua zona de conforto. Por causa disso, ele inicia a entrevista já intimidado pelo poder que a jornalista exerce.

A sedução, por sua vez, é utilizada por Rita no momento em que a reportagem é publicada no Profeta Diário. O objeto de valor aqui ainda é a “informação”. O leitor é atraído por querer ter acesso à reportagem de Skeeter e por acreditar no que a jornalista escreve, pois o Profeta Diário possui credibilidade. Assim como na realidade, é fácil acreditar em uma notícia quando ela vem de um veículo creditado.

No nível narrativo da sanção, o público toma como verdade algo que é mentira por um lado e segredo por outro. É mentira, pois as informações reportadas por Rita Skeeter sobre a vida de Harry Potter não são, em sua totalidade, verdadeiras. Parecem ser verdade, mas não são. E é segredo pois se trata de informações falsas que não parecem falsas. Rita tem conhecimento de que sua reportagem não é baseada em verdades, contudo o público não possui esse conhecimento.

Por fim, ao transformar a entrevista de Harry em reportagem, Rita Skeeter alterou sentidos das falas do entrevistado e distorceu os fatos, criando uma realidade inexistente. Para Nilson Lage, “é preciso transmitir ao espectador ou leitor o que a entrevista foi (ou é), não uma versão censurada, da qual se retiram arestas” (LAGE, 2014, p. 83). Nesse caso, a jornalista retirou todas as arestas possíveis e contou ao

público apenas o que ela pensou que seria interessante, entregando, assim, informações irreais.

Outra ação de Skeeter, que a levou a agir em desacordo com a ética, foi não saber a hora de finalizar a entrevista. Uma das técnicas de entrevista apresentada por Lage é que toda conversa se inicia com um desacordo ou bifurcação: “os conceitos e ideias vão sendo esclarecidos em seu curso e, quando esse processo chega ao fim, isto é, quando há consenso – não quanto ao assunto, mas quanto ao interlocutor está dizendo –, é hora de parar” (LAGE, 2014, p. 81). Na entrevista, ela manteve o comando da conversa, outra técnica disposta por Lage, mas deixou o garoto desconfortável ao fazer uma série de perguntas que ele não poderia responder.

ANÁLISE 2: CAPÍTULO DEZENOVE – O RABO-CÓRNEO HÚNGARO

Com a aproximação da primeira tarefa do “Torneio Tribuxo”, o guarda-caça Rúbeo Hagrid levou Harry para conhecer o desafio que o esperava: dragões. Mais tarde, o garoto conversou com o padrinho através da lareira. A cabeça de Sirius Black flutuava entre as chamas, pois ele não podia entrar fisicamente nos terrenos do castelo. Durante a conversa, Sirius alertou o afilhado sobre Igor Karkaroff, um ex-Comensal da Morte, que poderia trazer algum perigo para o garoto. Os dois comentam também que poderia ter sido Karkaroff quem colocou o nome de Harry no Cálice de Fogo. Em determinado momento, Sirius menciona uma reportagem que leu no Profeta Diário, cuja autoria é de Rita Skeeter.

– [...] Agora, tenho acompanhado o *Profeta Diário*, Harry...

– Você e o resto do mundo – disse o garoto com amargura.

– ... e lendo nas entrelinhas do artigo que aquela tal de Rita Skeeter publicou no mês passado, Moody foi atacado na véspera de se apresentar para trabalhar em Hogwarts. É, sei que ela diz que foi mais um alarme falso – acrescentou Sirius depressa, ao ver Harry fazer menção de falar –, mas tenho a impressão de que não foi. Acho que alguém tentou impedi-lo de chegar a Hogwarts. Acho que alguém sabia que seria muito mais difícil agir com ele por perto. E ninguém vai investigar muito. Olho-Tonto andou ouvindo estranhos, vezes demais. Mas isto não significa que tenha se tornado incapaz de identificar a coisa verdadeira. Moody foi o melhor auror que o Ministério já teve [...] (ROWLING, 2001, p. 265-266).

Ao formular suas próprias conclusões sobre a reportagem de Skeeter, que considerava o ataque a Moody como alarme falso, Sirius Black mostrou sua descrença com relação à jornalista, principalmente quando fala “aquela tal de Rita Skeeter”, demonstrando seu descrédito.

O desfecho do acontecimento da reportagem se deu no capítulo 35, quando Harry voltou para os terrenos de Hogwarts após presenciar a volta de Voldemort no cemitério, e Bartolomeu Crouch Júnior foi desmascarado. Para obrigar o bruxo a contar a verdade, Dumbledore e o professor Severo Snape fizeram o Comensal beber a poção da verdade, “Veritaserum”. Sobre Alastor Moody, Crouch confessou:

– Rabicho e eu fizemos isso. Preparamos uma Poção Polissuco. Viajamos até a casa do auror. Moody resistiu. Houve uma grande confusão. Conseguimos dominá-lo a tempo. Nós o enfiamos à força no malão mágico. Tiramos alguns fios de cabelo e acrescentamos à poção. Eu a bebi e me transformei no duplo de Moody. Apanhei sua perna e seu olho. Estava pronto para enfrentar Arthur Weasley

quando ele viesse resolver o caso com os trouxas que ouviram o estardalhaço. Espalhei as latas de lixo pelo quintal. Contei a Arthur Weasley que tinha ouvido intrusos em volta de casa, e que pusera as latas de lixo em movimento. Então reuni as roupas e os detectores das trevas de Moody, guardei tudo no malão e parti para Hogwarts [...] (ROWLING, 2001, p. 547).

No diálogo entre Sirius e Harry, foi feita uma alusão à reportagem de Rita Skeeter. Tem-se, então, uma relação entre o padrinho do garoto e a jornalista. No momento em que Crouch foi desmascarado e contou como conseguiu entrar em Hogwarts no lugar de Alastor Moody, explicando também seu plano de se aproximar de Harry para garantir que o garoto chegaria até o cemitério onde Lord Voldemort o esperava, mais uma relação é estabelecida, dessa vez entre Crouch e Rita. Mesmo que a repórter não tenha participado diretamente das cenas retratadas, foi a partir dessa notícia, publicada por ela, que se deu a ação narrada.

No nível fundamental, o tema comum é a exposição. Aqui se tem a primeira abstração: Sirius não acreditou nas palavras da jornalista e Dumbledore procurou saber como Crouch tomou o lugar de Moody. Em seu nível mais abstrato, a narrativa gira em torno da categoria semântica mínima “exposição vs. ocultamento”.

Nos diálogos entre Sirius e Harry e entre Dumbledore e Crouch, a relação dos termos contrários “exposição vs. ocultamento” é responsável pela orientação de sentido mais geral. Sirius e Dumbledore afirmam a categoria exposição, pois querem saber a verdade sobre o fato reportado por Rita Skeeter. Já a jornalista, que publicou uma notícia em que ela não dá a devida atenção para o ataque sofrido por Moody, e Crouch, que omite a verdade até que é obrigado a ingerir a poção da verdade, afirmam o ocultamento. Dessa maneira, as narrativas realizam

o percurso “ocultamento → não ocultamento → exposição”. Assim, em ambas as conversas, o termo “exposição” está sendo euforizado, enquanto o termo “ocultamento” está sendo disforizado.

Sirius Black inicia a conversa sem seu objeto de valor, representado por “tornar pública a verdade dos fatos”. Ele tem apenas a informação de que Moody foi atacado, mas a própria jornalista que noticiou deixa o assunto no esquecimento. Contudo, para transformar esse estado de carência, Dumbledore busca esse objeto em Crouch. Ou seja, o sujeito da ação muda, Sirius põe em dúvida a reportagem, mas é Dumbledore quem irá resolver o mistério. Isso se dá pela posição em que o diretor em Hogwarts se encontra, pois ao contrário de Sirius, que é foragido de Azkaban e não pode entrar no castelo, ele possui poder diante do Comensal da Morte.

Ao entrar no nível narrativo de ação, o enunciado de estado está no questionamento feito por Sirius acerca da reportagem de Rita Skeeter. Desse modo, inicialmente, ele está em disjunção com seu objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”. E, por meio de um fazer figurativizado pela ação de obrigar Crouch a contar a verdade, Sirius e Dumbledore entram em conjunção com o objeto de valor.

Por outro lado, depois que a verdade é exposta, a jornalista fica em disjunção com o objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”, uma vez que deveria ter investigado mais a fundo o fato que noticiou. Crouch, por sua vez, também entra em disjunção com o objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”.

Para conseguir realizar a *performance*, Sirius precisa entender o que aconteceu com o “auror”, fato que se realiza somente no desfecho

da história. A única personagem que, no início, está em conjunção com o saber é Bartolomeu Crouch Júnior, por possuir as informações necessárias para o esclarecimento. Mas o personagem que se encontra em conjunção com o poder é Dumbledore, porque está de posse de uma poção que propicia a confissão. Assim, o diretor consegue realizar sua *performance*.

No entanto, para que um sujeito inicie o percurso da ação, ele deve ser manipulado. Sirius é manipulado pelo desejo de ajudar Harry a compreender os acontecimentos, e Dumbledore, pelo poder que carrega por ser diretor da escola. Já Crouch é controlado pela poção da verdade, que não permite que se digam mentiras, e Rita, pelo desejo de se destacar em sua profissão e aumentar as vendas do jornal.

Nessa análise, portanto, está presente apenas um tipo de manipulação. A intimidação está compreendida na relação entre Dumbledore e Crouch, tendo como objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”. Encurralado, o Comensal não tem outra escolha a não ser beber a poção da verdade oferecida por Snape, por isso está em uma posição de submissão. Ele se encontra em uma situação na qual precisa narrar tudo o que aconteceu na noite em que atacou Moody e tomou seu lugar como professor de Hogwarts.

No nível narrativo da sanção, a relação entre Sirius Black e Rita Skeeter é retomada. Ele toma como falso aquilo que parece, mas não é. É mentira, pois as informações publicadas no Profeta Diário sobre o ataque a Moody foram disforizadas pela própria jornalista, que preferiu não investigar o caso, afirmando que o acontecimento foi mais um alarme falso. Esse ocultamento implicou no retorno do vilão Lord Voldemort

para uma forma corpórea, pois Crouch pôde colocar seu plano em prática sem ser descoberto.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), ao citarem Lipman, fazem uma crítica ao jornalismo, afirmando que, mais do que analisar seus significados, as notícias limitam-se a descrever sinais. Foi exatamente o que aconteceu com Rita Skeeter, que não cumpriu devidamente com sua função de investigar os fatos e ouvir os dois lados da história. E, assim, deixou em segundo plano uma informação que poderia mudar os rumos da narrativa de Harry Potter.

ANÁLISE 3: CAPÍTULO 31 – A TERCEIRA TAREFA

No capítulo 31, Harry tentava compreender algumas questões que o rodeavam, como o fato de Lord Voldemort possivelmente estar unindo forças para retomar o poder e de Rita Skeeter ter conseguido escrever sobre os acontecimentos do castelo mesmo depois de ter sido banida por Dumbledore. Às vésperas da terceira e última tarefa do “Torneio Tribruxo”, a repórter publicou um artigo no Profeta Diário:

HARRY POTTER “PERTURBADO E PERIGOSO”

O garoto que derrotou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado encontra-se instável e possivelmente perigoso, escreve nossa repórter especial Rita Skeeter. Há poucos dias vieram à luz provas assustadoras do estranho comportamento de Harry Potter, que lançam dúvidas sobre suas qualificações para competir em um torneio rigoroso como o Tribruxo, ou até mesmo para frequentar a Escola de Hogwarts.

O Profeta Diário está em condições de afirmar, com exclusividade, que Potter regularmente desmaia na escola, e com frequência se queixa de dor na cicatriz que tem na testa (reliquia de um feitiço

com que Você-Sabe-Quem tentou matá-lo). Na última segunda-feira, no meio de uma aula de Adivinhação, a repórter do Profeta Diário presenciou a saída intempestiva de Potter da sala de aula, dizendo que sua cicatriz o incomodava em demasia para que pudesse continuar em classe.

É possível, dizem os maiores especialistas do Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos, que o cérebro de Potter tenha sido afetado pelo ataque que sofreu de Você-Sabe-Quem, e que sua insistência em dizer que a cicatriz continua a doer seja uma expressão de sua arraigada confusão.

“Talvez até esteja fingindo”, opinou um especialista, “o que poderia ser um mecanismo para receber atenção.”

O Profeta Diário, no entanto, descobriu fatos preocupantes sobre Harry Potter, que Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, tem cuidadosamente ocultado do público bruxo.

“Potter é ofidioglota”, revela Draco Malfoy, um quartanista de Hogwarts. “Há uns dois anos, houve uma série de ataques a estudantes, e quase todos pensaram que Potter era o responsável depois que o viram perder a cabeça em um Clube de Duelos e açular uma cobra contra um colega. O episódio foi abafado. Mas ele também faz amizade com lobisomens e gigantes. Acharmos que ele é capaz de qualquer coisa para ter algum poder.”

Ofidioglossia, ou a capacidade de conversar com as cobras, é tradicionalmente considerada uma Arte das Trevas. Com efeito, o ofidioglota mais famoso dos nossos tempos não é outro senão Você-Sabe-Quem. Um membro da Liga de Defesa contra as Artes das Trevas, que prefere se manter anônimo, declarou que consideraria qualquer bruxo ofidioglota “merecedor de investigação. Pessoalmente, eu encararia com muita suspeita qualquer pessoa que conversasse com cobras, pois esses animais em geral são usados nos piores tipos de magia negra e, historicamente, são associados com bruxos malignos”. Da mesma forma “qualquer um que procure a companhia de criaturas selvagens como lobisomens e gigantes me parece ter inclinação para a violência”.

Alvo Dumbledore deveria, sem dúvida, refletir se um garoto desses pode realmente competir no Torneio Tribuxo. Há quem receie que

Potter possa apelar para as Artes das Trevas em seu desespero de vencer o torneio, cuja terceira tarefa será realizada hoje à noite (ROWLING, 2001, p. 486-488).

O desfecho desse acontecimento se revela no capítulo 36: após a confissão de Bartolomeu Crouch Júnior, Córnelio Fudge, o Ministro da Magia, foi para o castelo acompanhado de um “dementador”, que suga a alma do Comensal e o mata. Sem o testemunho do bruxo, Fudge não acreditou quando Harry narrou o retorno de Lord Voldemort. Em uma discussão com Alvo Dumbledore, ele afirmou crer nas palavras de Rita Skeeter:

– Certamente que acredito em Harry – disse Dumbledore. Seus olhos brilharam de fúria. – Ouvi a confissão de Crouch e ouvi o relato de Harry sobre o que aconteceu quando ele tocou a Taça Tribuxo; as duas histórias fazem sentido, explicam tudo que tem acontecido desde que Berta Jorkins desapareceu no verão passado.

Fudge ainda conservava aquele sorriso estranho no rosto. Olhou mais uma vez para Harry antes de responder.

– Você está disposto a acreditar que Lord Voldemort voltou, porque assim dizem um assassino louco e um garoto que... bem...

Fudge lançou a Harry mais um olhar, e o garoto subitamente compreendeu.

– O Senhor tem andado lendo Rita Skeeter, Sr. Fudge – disse ele calmamente.

Rony, Hermione, a Sra. Weasley e Gui, todos se assustaram. Nenhum deles percebera que Harry estava acordado.

Fudge corou ligeiramente, mas surgiu em seu rosto uma expressão de desafio e obstinação.

– E se tiver? – perguntou, fitando Dumbledore. – E se descobri que você tem ocultado certos fatos sobre o garoto? Ofidioglota é? E tem desmaios esquisitos a toda hora?... (ROWLING, 2001, p. 560)

Por não acreditar em Harry, Cornélio Fudge interferiu nas publicações do Profeta Diário e não permitiu que fosse publicada nenhuma notícia a respeito do ocorrido, além de solicitar ao jornal que publicasse matérias difamando o garoto e Dumbledore.

A reportagem de Rita Skeeter sobre Harry Potter permite realizar uma discussão sobre a ética no jornalismo. Nas duas primeiras análises realizadas com base na semiótica greimasiana, é possível perceber que a jornalista não se preocupa em noticiar a verdade, pois distorce as informações e publica somente aquilo que, segundo ela, é de interesse público. Em uma conversa com Hermione Granger no quinto livro da série, *Ordem da Fênix*, Rita oferece uma explicação bem clara do porquê trabalha utilizando os preceitos do sensacionalismo: “[...] O jornal não vai publicar uma reportagem favorável a Harry. Ninguém quer lê-la. É contra o sentimento público” (ROWLING, 2003, p. 462). Ao ser questionada por Hermione se o Profeta existe somente para dizer às pessoas o que elas querem ouvir, a jornalista pontua: “O *Profeta* existe para vender exemplares, sua tolinha” (ROWLING, 2003, p. 462).

Lage expõe a intenção do jornalismo sensacionalista ao afirmar que o público, “para entusiasmar-se por uma ideia, não lhe basta que pareça verdadeira; é preciso que seja exequível” (LAGE, 2014, p. 13). É justamente o que Rita Skeeter faz em suas reportagens. Ela afirma uma verdade para o público e o conquista por meio da narrativa.

Levando em consideração que a narrativa da saga Harry Potter se fundamenta em elementos de verossimilhança, é possível destacar que Skeeter foi antiética em diversas situações. Por muitas vezes, a jornalista deixou de publicar a verdade dos fatos, “compromisso fundamental do jornalista” (LAGE, 2003, p. 92), segundo o Código de Ética

dos Jornalistas Brasileiros. E mesmo se tratando de uma série inserida no contexto britânico, essa consideração se encaixa perfeitamente nas ações da repórter retratada na saga Harry Potter.

Com o interesse de favorecimento pessoal e visando aos lucros do Profeta Diário, a repórter distorceu informações e difamou fontes, como é o caso da reportagem sobre Harry Potter, cujo título “HARRY POTTER ‘PERTURBADO E PERIGOSO’” oferece uma prévia do que o leitor irá encontrar na reportagem. Rita concretiza calúnia ao dizer que ele possuía comportamentos estranhos e ao comparar o garoto ao vilão da trama por terem o poder de falar com cobras. Ela termina o texto afirmando que Harry não teria competência para participar do “Torneio Tribruxo” e que poderia vencer o torneio utilizando Artes das Trevas, prática considerada ilegal no mundo bruxo.

Outro aspecto ético não considerado pela jornalista é o respeito ao direito à privacidade do cidadão. O relato da queixa de dor na cicatriz no meio da aula de Adivinhação ocorreu porque ela havia assumido a forma de besouro. Nem Harry e nem seus colegas sabiam que Rita estava na sala de aula. Ou seja, ela adquiriu a informação de maneira ilegal e a publicou sem o consentimento do retratado. Além disso, não foi oferecido ao garoto o direito de resposta e, ainda, foram ouvidas somente fontes que corroboravam o ponto de vista negativo com relação a ele.

Portanto, ao compreender a verossimilhança do jornalismo retratado na saga, é possível reafirmar o pensamento de Karam (1997). O autor parte do pressuposto da necessidade de um jornalismo feito para pessoas, que não tenha como escopo apenas ações, fatos, versões e opiniões,

mas também valores inseridos na carga moral de cada indivíduo, valores que estão sujeitos a constantes mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade sempre buscou formas de atribuir sentido aos acontecimentos que a rodeiam. Desse modo, ao se tornarem formas de propagação do conhecimento, o jornalismo e a literatura assumiram funções semelhantes para lidar com a periodicidade do mundo e construir significados que auxiliem a sociedade na compreensão de sua realidade. Enquanto os meios de comunicação respondem à necessidade de se obterem informações sobre o que acontece do mundo, os livros ficcionais revelam-se como formas de interpretação do real por meio das construções de personagens e instituições.

Dessa maneira, os três acontecimentos analisados oferecem respaldo para que seja possível reafirmar a importância do papel social da imprensa devido a sua função primordial de informar. Desse modo, os meios de comunicação se tornam essenciais na saga para a vivência dos personagens dentro do mundo bruxo.

Em todas as vezes que Rita Skeeter escreveu e publicou reportagens no jornal Profeta Diário sobre situações da trama, os personagens envolvidos foram lesados. Ela também fez, por meio de suas matérias, com que a história de Harry tomasse outros rumos.

Ao entrevistar Harry Potter em um armário de vassouras e publicar uma reportagem cujo conteúdo era recheado de mentiras e distorções de fatos, o garoto passou a ser visto como uma pessoa carente de atenção

que havia se inscrito no “Torneio Tribuxo” para se tornar mais famoso. A relação de Harry com os amigos piorou depois da publicação.

A notícia sobre o ataque que o “auror” Alastor Moody sofreu, nas vésperas de assumir o cargo de professor na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, sem dar a devida importância ao fato e nem investigar o acontecimento, permitiu que um Comensal da Morte, Bartolomeu Crouch Júnior, assumisse outra identidade e efetivasse o plano de trazer Lord Voldemort de volta. Se Rita tivesse prestado atenção ao ataque sofrido pelo professor, talvez o vilão da trama pudesse ter sido impedido de retomar seu poder.

Mais uma postura antiética da jornalista foi a publicação de uma segunda reportagem sobre Harry, na qual, de forma sensacionalista, difamou o garoto e o colocou em posição de descrédito diante do mundo bruxo, alegando que ele era perturbado e perigoso. Ela utilizou método semelhante às escutas telefônicas para obter informações sem o consentimento de Harry com seu poder de se transformar em besouro. Após o retorno de Voldemort, o Ministro da Magia Cornélio Fudge não acreditou no testemunho de garoto e, por essa razão, não permitiu que o Profeta Diário noticiasse o ocorrido. Isso possibilitou que o vilão arquitetasse planos, ocultado da comunidade bruxa.

A jornalista, por seu objetivo de ganhar fama e fazer com que o Profeta Diário fosse aclamado pelo público e vendesse mais exemplares, agiu de maneira antiética. Desse modo, Rita Skeeter não cumpriu o exercício da prática jornalística com a devida ética, uma vez que o profissional escreve para a sociedade e, mais do que ela, para o cidadão, indivíduo que possui cargas morais e sentimentais, cada um em sua particularidade.

Dessa maneira, o jornalismo retratado na saga Harry Potter apresenta elementos de verossimilhança, e torna possível pontuar alguns aspectos do jornalismo real, atividade que se pauta pelo lucro desde os seus primórdios, o que muitas vezes desencadeia publicações cuja realidade é aumentada ou mentirosa. Existe ainda uma parte da realidade que nem sequer é mencionada pelos veículos de comunicação, que se encontram sob os ditames da lógica de mercado, nesses casos, a ética é deixada de fora das redações.

Outro aspecto que merece destaque nessa abordagem é o relacionamento entre o profissional da comunicação e a fonte. O jornalista deve, acima de qualquer preceito, respeitar a fonte e manter o conteúdo que lhe foi entregue sem alterações de sentido no ato da publicação. O público, por sua vez, tem o direito de ser informado, e esse fator compõe uma regra geral para a profissão. Desse modo, o que se informa ao público deve ser de seu interesse real e não apenas o que provém de mera curiosidade.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- NASCIMENTO, Larissa Silva, SANTOS Michelle dos. A tênue relação entre realidade e ficção em “quase memória: quase-romance”, de Carlos Heitor Cony. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 4, n. 2, ago-dez, 2012. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/166.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística** / Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari. – São Paulo: Summus, 1986.